

ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA: Identidade social e subjetividade contemporânea

GT18 – Reestruturação produtiva, trabalho e dominação social

Elizete Conceição Silva

Ao abrir espaço de indagação a respeito da relação entre identidade e trabalho, a reflexão volta-se para as relações produtivas, o social, bem como para o indivíduo em sua subjetividade. O ponto central é como a subjetividade do indivíduo, um ser bio-físico-psíquico-social-eco-político, que teve por longo tempo sua identidade definida pelo trabalho apresenta-se frente às transformações promovidas pelo novo modo de organização. Na presente sociedade, o tempo produtivo não se mantém ligado à identidade do sujeito, como na sociedade anterior. A exacerbação do individualismo e o hedonismo passam a ser reações comuns apresentadas pelo sujeito, as quais promovem situações conflitantes externa e interiormente em relação a si mesmos. Devido à relação dialética existente entre sociedade e indivíduo, ambos se encontram em uma situação de fragilidade extremada. Por não ter onde se apoiar política, econômica e socialmente, e não possuir valores que lhe sirvam de âncora mental e emocional, o indivíduo sente-se à deriva e solitário. Se a liquidez da sociedade e a da vida se alimentam e se revigoram mutuamente, a vida social e individual encontra-se em constante *sursis*.

Palavras-chave: identidade social; trabalho ; subjetividade.

As transformações no modo produtivo e suas relações, juntamente com os avanços tecnológicos, causaram mudanças e trouxeram consequências à vida social e à vida individual do ser humano. Presencia-se, juntamente com a crise do sistema capitalista, a crise da sociedade do trabalho.

À medida que as transformações capitalistas se processam, as relações de produção sofrem alterações. Historicamente, o trabalho vem sendo concebido de diversas formas. No sistema capitalista de produção, o homem passa a ser valorizado de acordo com a função que possui e exerce. A função primeira do homem neste regime econômico é a sua reprodução, sendo o trabalho sua fonte de sobrevivência e reprodução econômica e social.

A reestruturação produtiva que vem em resposta à crise capitalista, nas últimas décadas do século XX, limitou os direitos sociais e os gastos estaduais correlatos, de forma a se fortalecer e, para tanto, busca *transformar em objeto mercantil a previdência, a saúde e a educação*. Promoveu-se a saída do Estado do campo social, transformando-se ele em terreno de caça mercantil.

O aumento da concorrência entre nações capitalistas levou a graves consequências, entre as quais podem ser citados a precarização da força de trabalho, o desemprego estrutural e a destruição do meio ambiente. Entre as transformações que ocorrem no mundo do trabalho e, conseqüentemente, repercutem na ordem social da sociedade, há a diminuição do operariado manual, a subproletarização ou precarização do trabalho (trabalho tercerizado, subcontratado, temporário), exclusão dos trabalhadores jovens e idosos, entre outras.

Apresentando-se como um programa político ideológico, o neoliberalismo, por meio de sua visão (neoliberal), procura conter a política sobrepondo a economia e favorecendo a mercantilização do mundo e das relações, sejam elas profissionais, familiares, produtivas, educacionais, etc. A política neoliberal adotada pelo sistema capitalista apresenta a economia como válvula mestra da vida humana, estabelecendo valores e necessidades independentemente do caráter, de modo a determinar a identidade social e principalmente em sua subjetividade.

Com a introdução da tecnologia no mundo do trabalho, várias alterações se efetivam ao longo do processo mediante relações de produção, possibilitando que uma nova ordem social se promova e adentre na vida da sociedade.

Gradativamente, o trabalho humano perde seu espaço e valor e as máquinas passam a requisitar um reduzido número de mão-de-obra humana; apenas aquele que possui qualificação e formação profissional consegue espaço de atuação. Entretanto, cumpre ressaltar que o mercado de trabalho não apresenta espaço de atuação para todos aqueles que aderem à capacitação e flexibilização de conhecimentos.

É inegável que desemprego estrutural ou precarização do trabalho é fator constitutivo dessa reestruturação produtiva na qual o capital se encontra. Diante da atual situação de crise pela qual passam as sociedades capitalistas, novas reflexões estão sendo feitas e surgindo propostas.

Pelo mascaramento do real, promovem-se discursos, práticas sociais, expressões lingüísticas, imagens e textos que favoreçam a construção de “um novo tipo de homem” e venham atender aos interesses econômicos e políticos. O mercado de trabalho é um rico exemplo desta realidade. Vivencia-se uma fase de reestruturação de valores, de nova moral, novas credences, os quais vêm atender a nova lógica do sistema capitalista..

As transformações no mundo do trabalho, a nova gestão, a política neoliberal, seu discurso e sua ideologia são de fundamental importância e ajudam a refletir sobre a identidade¹ do sujeito e suas transformações em decorrência da reorganização deste. A partir da inovação tecnológica, reestruturações são processadas no quadro, demarcando o início da recente ordem estrutural da sociedade e trazendo consigo consequências como uma reavaliação do papel social do ser humano e uma revisão de valores que se julgavam cristalizados.

A reestruturação do modo de produção, com base, na flexibilidade e polivalência, causou sérias e graves consequências sociais e pessoais. A subjetividade foi solapada e manipulada pelos novos valores e por uma ideologia que se propaga ininterruptamente a todas as idades, profissões, sexo, religião e, independente de qual era, até então, seu modo de vida, seu pensar, seu agir, ela cria e recria valores de acordo com seus interesses. Os indivíduos são compelidos, mesmo inconscientemente, em virtude de um emaranhado de relações que são promovidas, através dos meios de comunicação, da escola ou demais ambientes nos quais atua, a aderir, a assujeitar-se às novas políticas.

Ao refletir sobre os sistemas produção implantados a partir da década de 20, do século XX, constata-se que na produção fordista, os empregados encontram-se satisfeitos por comporem o mercado consumista, graças a uma ideologia desenvolvida e a todo um modo de vida implantado, o qual possui por lema “produção em massa para consumo de massa”. Com a adoção do toyotismo, nas últimas décadas daquele século, a ideologia dominante se reafirma.

Nessa “nova ordem” econômica alicerçada nas relações trabalhistas de equipe, integração, satisfação e realização profissional, gera-se o espírito de pertencimento e de responsabilidade pelo desenvolvimento e pelo sucesso da empresa (em relação à sua condição de competitividade no mercado global), favorecendo a desintegração dos sindicatos, os quais vão perdendo força.

Esse projeto ideológico vem atuar fortemente nas relações sociais quer internas, quer externas ao local de trabalho do sujeito. Por necessitar manter a ordem e a disciplina, o mundo do trabalho requer uma dominação política, a qual se apresenta no silenciamento, no ocultamento, ou seja,

¹ Identidade – enquanto una e múltipla. O indivíduo, ao mesmo tempo em que é uno, singular, irredutível, carrega consigo toda a humanidade: é duplo, plural, incontável, diverso. *O indivíduo humano não pode, certo, escapar de sua sorte paradoxal: é uma pequena partícula de vida, um momento efêmero, uma formiga, mas, ao mesmo tempo, carrega a plenitude da realidade viva – a existência, o ser, a atividade – e, assim, contém o todo da vida sem deixar de ser uma unidade elementar da vida. Ao mesmo tempo, carrega a plenitude da realidade humana, com a consciência, o pensamento, o amor, a amizade. Comporta o todo da humanidade sem deixar de ser a unidade elementar da humanidade* (MORIN, 2005b, p. 73).

ela oculta-se em discursos que induzem o indivíduo a pensar e a sentir-se livre, poderoso, em posição de dominante e não de dominado. Dá-se um deslocamento ideológico de posição.

O ocultamento da dominação política e a aparência da liberdade individual são necessários às formações capitalistas, e é através dessa dupla necessidade que se passa da exploração-opressão à elaboração do consenso.

Por conseguinte, na identidade do indivíduo, promovem-se mutações de acordo com as transformações processadas no âmbito da sociedade em geral. Novamente impulsiona-se a formação e a construção de um novo tipo de homem que se ajuste ao modo de produção vigente.

No meio de todas essas transformações, é no corpo, na ação e no sentimento dos indivíduos que aflora o mal-estar contemporâneo. A situação que o trabalhador vivencia faz com que se veja deslocado e, por não saber mais onde se apoiar, sente-se fragilizado e à deriva; perdido e sem rumo, no desespero suspende o seu pensar, o que empobrece as simbolizações, e se deixa conduzir pelos novos valores promovidos na sociedade.

Constata-se juntamente a uma concepção de valores ligados à moda, beleza, sociedade, educação, diversão, enfim, a valores que se impõem a ponto de se tornarem senso comum, que o sistema capitalista incute, a fim de atender seus interesses de mercado, uma satisfação e bem-estar de muitos perante esse novo modo de organização e apresentação tecno-sócio-eco. As inovações tecnológicas causam uma certa magia, que os mobiliza a terem acesso a elas seja na busca de um maior conforto e bem-estar, seja por simples prazer.

No tocante ao trabalho desenvolvido pelo homem, suas relações são totalmente reconstruídas e reorganizadas, também o é sua identidade social e subjetividade, as quais passam por transformações concretas e necessárias para que o mesmo obtenha condições de se adentrar nesse mercado competitivo.

Através de normas estabelecidas pelo discurso liberal, as quais determinam como pensar a sociedade, os sujeitos sociais são definidos. Essa nova forma de manipulação tem a dinâmica cultural como instrumento de repercussão e fortalecimento da teoria liberal. Cumpre ressaltar que não há uma homogeneidade em se tratando de bem-estar ou mal-estar do sujeito frente ao desenvolvimento processado; ambos estão presentes em cada um, nos mais diferentes momentos e pelas mais diversas razões.

A sociedade capitalista promoveu a concepção e valorização do trabalho, relacionando o homem à produção e favorecendo sua identidade produtiva, a qual se encontra inviável ante as novas formas de organização e reestruturação do mundo do trabalho.

Em outras palavras, o homem é premido incessantemente pela organização e pelos interesses políticos e econômicos da sociedade na qual vive, seja enquanto faz parte da organização produtiva que produz desigualdades e exclusões seja no momento de seu afastamento do mundo de produção, quando novamente encontra sua vida determinada pelos mesmos interesses de antes.

Presencia-se constantemente a negação do outro, a negação de sua subjetividade, incessantemente buscando e estimulando a homogeneização das subjetividades de forma a atender a subjetividade hegemônica que a modernidade constrói.

Na sociedade em que o trabalho é concebido e definido dia a dia como essencial para o indivíduo, ele passa a servir de garantia de reprodução e reconhecimento pessoal. Dessa forma, no momento do afastamento do mundo do trabalho, o indivíduo sente-se deslocado nos diferentes espaços em que passa a viver, sejam eles familiares ou sociais. O sujeito que se percebe excluído do mundo do trabalho também passa por crise identitária, sentindo-se como que amputado.

Em meio à nova performance social, o mundo do trabalho é um dos pontos cruciais de transformações processadas no interior da sociedade. Essas alterações, no entanto, são processadas através de uma relação de exploração, de forma a atender aos interesses da sociedade capitalista. Ideologicamente, as transformações são transmitidas por meio de um discurso favorável, que enfatiza seu caráter promissor e a possibilidade de obtenção da emancipação, da liberdade e igualdade.

2 Consequências para o ser humano

O novo capitalismo, de acordo com Sennett (2001), causa um impacto também sobre o caráter pessoal. Ele pode ser constatado por meio de uma comparação dos perfis anterior e atual. No perfil anterior, referente ao existente na sociedade do século XX até final da década de 80, início da de 90, o sujeito tinha uma narrativa de vida e um tempo linear, existia previsibilidade, traçavam-se metas e, passo a passo, alçavam-se os degraus, seja no ambiente de trabalho e no familiar, seja no financeiro, como na aquisição de bens materiais. Esse fato ocorria pela segurança que havia no ambiente de trabalho, como a construção de uma carreira. Havia a importância da responsabilidade, a assiduidade, o compromisso, bem como a estabilidade e a certeza da aposentadoria, no momento de afastamento do trabalho (por idade). Esse raciocinar e planejar o tempo definia o reino da ação e do poder individual.

No perfil atual, as qualidades de um bom trabalho não mais se relacionam à estabilidade, à constância; pelo contrário, elas estão relacionadas a uma flexibilidade constante tanto de atividade e de local, quanto das diferentes filosofias de cada local de trabalho. Flexibilidade e fluidez passam a ser o segredo de bem viver nesta nova sociedade. A rotina é tida por negatividade.

Comportamentos, atitudes e valores considerados inadequados, incorretos tornam-se permissíveis e aceitáveis em uma situação específica. O problema não se encontra mais nos meios adotados e sim nos fins que se buscam. O que passa a valer é o hoje, o aqui, o agora. Instaure-se a volatilidade, o fugaz, o que exige um ajustamento, uma renovação. Para o autor, o também se flexibiliza.

A vida passa a ser um grande jogo, no qual quem sairá melhor é quem se propõe a correr riscos frequentes. Sentir-se ancorado, firme, como no primeiro momento é ser deixado de fora. Não jogar é aceitar ser um fracassado. O risco passa a ser um teste de caráter, de inteligência; ganhar ou perder não importa, o importante é arriscar.

O que antes tinha valor, como a experiência, passa a ser vergonhoso. As convicções que até então se mantinham caem por terra, o senso de valor é conflitante. O tempo, assim como a vida, desorganiza-se. Se flexibilidade é palavra de ordem, fragmentação é sua derivada, o que leva a vida a ser um amontoado de fragmentos, de incertezas, de riscos, em que fracassos e sucessos são apenas contingências.

Estar conectado com os acontecimentos, mas desconectado de compromissos, de laços, de responsabilidade, não se encontrar em redes, mas estar no ar, pronto a entrar em cena a qualquer momento, onde e com quem for, enfraquece o caráter. Não há mais narrativa compartilhada, tampouco destino partilhado. Não se vê o outro como um igual em sua condição humana e sim como um inimigo, como um concorrente. Para o bem viver passa a ser necessário uma nova forma de conceber a vida e de vivenciá-la – ampliar a percepção social.

Quem busca compreender esses novos valores percebe a ilegibilidade da realidade social moderna. O importante é seguir em frente em detrimento do estabelecer-se, o que faz com que o indivíduo fique à deriva. Torna-se necessário desenvolver aptidões individuais, como poder trabalhar com *qualquer um*. O imperativo é: atue onde você está e valorize o que pensa hoje.

Muitas vezes, por mais prósperos e adaptáveis que os indivíduos possam sentir-se, eles receiam perder o controle de sua vida. A rapidez com que têm de se movimentar e o medo de se tornarem indesejados, desnecessários, é incessante, provoca um mal-estar, devido à intranquilidade e à incerteza. Os valores já não são duradouros; estes encontram-se em constante transformação e impossibilitam o indivíduo de se definir, seja como profissional, seja como sujeito portador de uma subjetividade.

No desespero, a incerteza avoluma-se e se desconhecem os limites para as ações, há apenas uma idéia fixa – obter um emprego. O mal-estar materializa-se no campo da vergonha e não no da

culpa, o sujeito não se sente culpado por vivenciar a situação do desempregado. A vergonha é solitária, subjetiva e o leva a voltar-se para si, querer garantir e salvar a própria vida.

Se, aproximadamente até o final da década de 80 e início da de 90 do século XX, pôde-se vivenciar a presença e o espaço de diferentes, por exemplo de velho, de criança, de profissional mais experiente e de iniciante, de mais velho e de mais novo, na contemporaneidade, presencia-se um paradoxo ao se visar o progresso social. As transformações processadas arrebatarem as alteridades e possibilitaram espaço para o estabelecimento do narcisismo e juntamente com ele um aumento da violência e das rivalidades entre os indivíduos.

3 Desorganização do tempo e a organização da vida

Se a preocupação que se presencia é sobre qual o comportamento que se deve adotar, se os de ontem ou os de hoje, acredita-se que não necessariamente um ou outro, mas um comportamento que estabeleça por primordial o bem-estar do ser humano.

Conhecimento e sociedade encontram-se imbricados. Se o primeiro sofre mudança, há consequentemente repercussão e alterações no segundo. A partir do avanço científico, tecnológico, cultural, o modo de produção se transforma, e conclama os indivíduos a adequar-se aos novos valores propagados por ele.

A mudança de paradigmas dos tempos produtivos da sociedade, início do século XX até meados da década de 80 para a sociedade atual (século XXI), quando valores sólidos de outrora, como durabilidade, estabilidade profissional, econômica e mesmo emocional são questionados e suplantados, faz com que os indivíduos que mantêm a identidade ligada a pertencimentos, principalmente aos da vida produtiva, sintam-se desajustados, inúteis e não conseguem mais saber quem são. No filme *O Corte* (direção de Costa-Gavras), Bruno Davert vai mais longe, em sua confissão; ao dizer que quando lhe tiraram o trabalho lhe tiraram a vida se questiona: **sem ele o que sou?**

Atualmente o que ocorre é que o reconhecimento e a subjetividade são, em muitos casos, oferecidos pela sociedade de consumo. Os mercados, as lojas, os *shoppings centers* oferecem aquilo que se perdeu – a identidade.

Pode-se escolher o que se quer ser, como e até mesmo quando ser. Só depende de escolha, mas ela está condicionada ao que há nas prateleiras para aquisição. Dentre elas, escolhem-se e adquirem as que são convenientes. Do mesmo modo que ocorre com a subjetividade, o consumo e a substituição dos objetos também acontecem.

Outro fator relevante a destacar é o despreendimento que muitos consumidores passam a adotar como: a compulsividade, a necessidade de buscar, de adquirir, de substituir os produtos de maneira constante e veloz. Renunciar a um objeto, a um produto pode não lhe causar transtornos, seja de ordem emocional seja material, e pode ser visto como uma maneira de buscar novos estímulos.

Se o mercado é vasto e oferece inúmeros e diferentes produtos para os mais diversos consumidores, não se pode negar a existência de indivíduos que consomem não necessariamente na busca de novos estímulos, mas por prazer, satisfação pessoal de poder fazer uso de produtos e demais inovações que são oferecidas e causam maior conforto ou bem-estar.

Do mesmo modo, que nesta nova sociedade, os objetos são renunciados, substituídos por outros rapidamente, também as pessoas, os valores, os sentimentos, as relações interpessoais, podem ser “trocados” sem nenhum constrangimento, sem luto. Esse movimento de renúncia, de despreendimento é sentido por muitos indivíduos como a liberdade em sua magnitude.

Poder sempre trocar, substituir, renovar pode gerar uma eterna insatisfação, impaciência, descompromisso, A vida ao ser considerada como um voo, de tempo totalmente imprevisível, como sensações a serem sentidas, como paisagens a serem vistas, pode tornar desnecessárias as *escalas*, pode-se estar em voo indefinidamente, sem a necessidade de aterrissar.

A cultura que emerge neste novo capitalismo privilegia o cortar laços, o sentir-se livre; assumir compromisso significa perder oportunidades, estar por fora e de fora do que a vida oferece. A cultura do consumo enfatiza o acontecimento momentâneo; as transações únicas; em decorrência de sua relação com o tempo, as relações duradouras e sólidas são desmerecidas.

4 O mal-estar de atrelar-se a uma representação

A idéia de identidade nasceu da necessidade de pertencimento, da necessidade de definir quem somos. Bauman (2005a, p. 17-18) observa que a identidade é uma convenção socialmente necessária, que serve para esclarecer e estabelecer limites e definições para si mesmo e para o outro – a vida social – e esclarece:

[...] o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...]. E prossegue afirmando: [...] a idéia de ter uma ‘identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa [...].

O tempo todo o sujeito luta para manter a identidade por ele estabelecida. Sua própria existência é uma relação de pertencimento e ele não pode ser abalado, pois então não saberá mais quem é. Para o referido autor, a idéia de identidade nasceu na crise de pertencimento e do esforço em transpor a brecha entre o deve e o é e recriar a realidade à semelhança da ideia.

Diante do cenário de uma sociedade líquida, fluida, inconstante, busca-se compreender por que é tão comum ouvir: – estou em crise de identidade; – isto não é para mim; – a vida toda fiz desta maneira, por que não é mais possível? O ser humano presencia situações até então desconhecidas. Por um longo tempo da história humana, a identificação é uma forma de ser “reconhecido”, para o bem ou para o mal; poderia ser identificado como pobre, vagabundo, branquelo, burro, como poderia ser o intelectual, a autoridade, o rico, a madame. Um fator de grande relevância de identificação foi a profissão; dependendo da profissão exercida possuía-se um determinado “*status*” social e ocupava-se uma “posição” na pirâmide social.

Se por um lado o anseio por uma identidade vem do desejo do indivíduo por segurança, estabilidade, por outro isso pode causar-lhe problemas, situações conflituosas, ou mesmo o impedimento ou dificuldade de adentrar em determinados espaços, ocupar determinados cargos. A identidade fundamentada no pertencimento evoca uma ambiguidade, ela inclui e exclui simultaneamente. Por exemplo ao definir-se como cirurgião, exclui-se das demais profissões.

Serres (2005, p. 110) afirma:

[...] aqueles que procuram por lugares refugiam-se no espaço dos pertencimentos e crêem que só as estátuas asseguram a perenidade [...] Mau sinal [...] O eu permanece tão invisível quanto o princípio da identidade. Branco, transparente, da cor da constância [...]

O ser humano carrega dentro de si a ilusão do pertencimento, de permanência, e se constrói tendo por objetivo e por motivação a manutenção dessa constância psíquica, social, familiar. Sob essa ilusão, ele se mantém até o momento da perda do que considera perene e estável. Por estar intimamente conectado com o objeto da perda, depara-se com a impossibilidade de manter o seu “eu”.

A fragilidade com que se depara diante da conscientização da inconstância e da vulnerabilidade, expostas em seu viver e em relação às quais não há arma, estratégia e planos que possam abatê-las pode fazer com que o indivíduo venha a travar lutas internas e/ou externas com vistas ao seu bem-estar, ou simplesmente não aceitar o fato, revoltar-se e estagnar no ressentimento.

Para Cyrulnik (2009, p. 26),

[...] O que faz com que um animal ferido tenha uma evolução reparadora ou agravante são as circunstâncias. No homem, a modificação do evento por meio de imagens e palavras agrega a possibilidade de fazer um trabalho de liberação... ou de alienação!

A vida é similar a um caleidoscópio; a um único e imperceptível movimento, ocorre um deslocamento e dá-se uma mudança, uma nova unidade estabelece-se. Um mínimo acontecimento altera totalmente a linearidade da vida por que se lutou e cuja obtenção se almejou. Não há como pré-estabelecer o desenrolar da vida, ela é uma incógnita; nem o poder, o dinheiro ou mesmo a beleza têm como estagná-la ou determinar o seu caminho. Ela é um “devir” incontrolável, almejado ou não, é o que promove o novo e colore a existência.

Fundamentar a existência e seu valor em pertencimentos além de preocupante é sofrido, porque o ter é circunstancial e o ser é atemporal e perene.

Para Zizek (2003, p. 109),

[...] O que torna a vida digna de ser vivida é o próprio excesso de vida: a consciência da existência de algo pelo que alguém se dispõe a arriscar a vida [...]. Somente quando prontos a assumir esse risco estamos realmente vivos [...].

5 A subjetividade humana

A subjetividade confere ao indivíduo a possibilidade de estar no mundo de uma maneira única, ímpar. Seus desejos, gostos, sonhos, preferências, sentimentos, emoções juntamente com sua história de vida é o que determina como se relacionará com o mundo exterior.

Quando se desconhecem ou se desconsideram a existência e a importância de se ter uma subjetividade, quando se esquece de voltar-se para si (autoconhecimento) se é o que o momento comporta, exige; vive-se protocolarmente. Este é um jeito singular também, mas um singular que não possibilita a evolução, o crescimento do humano em sua completude.

O ser humano é essencialmente objetivo e subjetivo, a subjetividade também pode ser compreendida objetivamente. Assim como essencialmente natureza e cultura, o homem carrega em si a plenitude que se alcança por meio da busca incessante do conhecimento de quem realmente é.

Para assegurar a sua existência como um ser singular em meio à multidão é necessário aceitar e enxergar os outros. A alteridade é necessária para a existência do ser.

Cyrułnik (2009, p. 125) lembra:

[...] Perder o outro em si é esvaziar nosso mundo interno e se submeter ao imediato. As pulsões deixam de ter o tempo de ganhar sentido. Quando se está sem história e sem esperança, as palavras perdem seu gosto e se tornam objetos sonoros vazios e secos.

Ao negar-se a alteridade, as subjetividades caem ao desalento. O indivíduo entra na pulsão de morte, nega-se a viver o que lhe é inerente e constituinte – a singularidade e pluralidade. Busca o prazer sem dor, a felicidade sem sofrimento, busca o impossível; O prazer, a felicidade constante, torna-se tédio e impossibilita as simbolizações.

A perda da subjetividade ou o seu sequestro não se dá na materialidade, mas sim na psique, o que causa transtornos tanto individuais como coletivos. Esse é o grande desafio na atualidade: viver a dinâmica de um mundo plural, sem deixar que a subjetividade corra o risco de ser sufocada, esquecida.

6 Quadro atual

Os valores promovidos por esta nova forma de organização social acarretam crise nas subjetividades. O indivíduo que até o presente momento ocupou uma determinada posição social, a qual se relacionava a valores produtivos apregoados pela mesma sociedade, necessita remodelar-se, renovar-se.

Bauman (2007, p. 31) afirma que a individualidade é [...] o produto final de uma transformação societária disfarçada de descoberta pessoal [...], realmente o sujeito é continuamente levado a pensar e a sentir que está no comando, quando o que realmente ocorre é a sua servidão voluntária² às exigências das transformações promovidas pela sociedade.

Reportando-se à individualidade, Bauman (2007, p. 37) ainda a caracteriza como um privilégio, com acesso permitido a poucos. [...] A corrida para individualização tem acesso restrito e concentra os que têm credenciais para participar [...].

Para manter sua individualidade, o sujeito necessita de liberdade, mas ao mesmo tempo de segurança, como forma de evitar o medo e se sentir amparado. Atualmente, a sensação de segurança, que um dia o Estado proporcionou, foi retirada paulatinamente e o sujeito, ao sentir-se só, busca onde possa segurar-se, sem qualquer estabilidade ou segurança.

Impossível negar o mal-estar que causa nos indivíduos esta inconstância, impossível negar a ansiedade que toma conta de todos e a luta frenética na tentativa de se manter vivo e ativo nessa sociedade de valores tão líquidos e fugidios. É a constante luta, como ocorre com o Sísifo³.

A metáfora desse mito pode ser recuperada para compreender a vida na modernidade, um movimento repetitivo com sabor de um eterno recomeçar, sem esperança de se libertar, porque a libertação significa a morte. Vale a pena refletir se essa seria a punição imposta pela sociedade líquida aos indivíduos ou se a sua libertação enquanto indivíduo.

Atualmente, com as transformações que constantemente ocorrem na sociedade, faz-se necessário um reelaborar de ideias. Assim como a cada dia torna-se impossível pensar, dentre outros referenciais, sem se voltar para o planeta como um todo e\ou a condição humana social e subjetiva.

O sujeito não pode ser concebido de uma maneira mecanicista e determinada, ele é portador de uma identidade subjetiva constituída de um processo denominado pelo autor de autoexorreferência. Para referir-se a si mesmo, é necessário referir-se ao mundo externo. Opera-se a distinção entre o eu e o não-eu; o eu e os outros eus.

Desconsiderar a existência da subjetividade na constituição do sujeito é reduzi-lo em sua completude. Urge, na contemporaneidade, pensar o sujeito tanto em sua objetividade/racionalidade quanto em sua subjetividade, como forma de promover uma sociedade que consiga abarcar um novo leque de questões não necessariamente palpáveis, materiais, que emergem da organização socioecopolítica presente na sociedade e que causa tantos mal-estares, medo, e aniquila aos poucos o ser humano – a cultura dos novos tempos.

O representacionismo – que privilegia a objetividade, descartando a subjetividade – fragmenta, separa, afasta. Distingue a natureza da cultura e a cada momento o ser humano sente e vive a cultura e culturalmente, esquece-se da natureza, bem como da necessidade de interação entre ambas.

² A expressão servidão voluntária criada por La Boétie, no século XVI, se faz presente desde então na interpretação da condição humana. Diz respeito a uma servidão marcada pelo querer humano, por sua anuência. Contrária à servidão involuntária – aquela presente no mundo regulado pela religião e pela teologia – a servidão voluntária ocorre a partir do momento em que o homem liberta-se da tutela divina e passa a se centrar na razão e na ciência.

³ *O Mito de Sísifo*, ensaio esboçado por Albert Camus (2004), funda-se no fato de que quando capturado e após ter desafiado os deuses, recebe como punição a tarefa de, por toda a eternidade, empurrar uma pedra montanha acima até o topo, a qual rola para baixo e ele, tem de recomeçar a empurrá-la. Ele está destinado a executar uma tarefa sem sentido e intermitentemente.

A vida é um jardim imperfeito, sujeito a todos os tipos de intempéries a qualquer momento. Pode-se optar por que modo viver, aceitar o mundo do caos, que não exige reflexão a respeito de seu sentido e com isso aceitar como natural a desumanização, a fome, a guerra, e tantas outras tragédias, ou por assumir e sair da acomodação, lutar para que a humanidade desabroche. Infelizmente a mediocridade existencial tem sido a opção mais fácil.

Assim como se cria a sociedade de consumo, a política e a psicologia, voltadas ao consumo na sociedade capitalista, é necessário que se faça atualmente a desfetichização, o desmascaramento da sociedade de consumo, de seus interesses, o que conseqüentemente leva à desfetichização da organização produtiva e sua relação com a vida social e as subjetividades contemporaneas.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. de José Rubens Siqueira, São Paulo, Companhia das Letras, 1999

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a.

_____. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b.

BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BOHM, David. *O Pensamento como sistema*. Trad. Teodoro Lorent. São Paulo: Madras, 2007.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman; Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2004.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo, UNESP, 2005.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. *O futuro de uma Ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Trad. do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 67-148.

_____. O futuro de uma ilusão. In: _____. *O futuro de uma Ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Trad. do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 13-63.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORIN, Edgar. *O método 2: a vida da vida*. Trad. Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

_____. *O método 5: a humanidade da humanidade – a identidade humana*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

_____. *A noção de sujeito*. In: SCHNITMANN, Dora Fried (Org.). Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45-58.

PRIGOGINE, Ilya. O futuro está dado? _____. *Ciência, razão e paixão*. 2. ed. rev. e ampl. Trad. Edgard de Assis Carvalho e outros. São Paulo: Livraria da Física, 2009. p. 101-112.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERRES, Michel. *Ramos*. Trad. Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perossi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. *O incandescente*. Trad. Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perossi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SILVA, Elizete Conceição. *Subjetividade e Cinema: vida\arte\vida*. Paraná: EDUEM, 2012.

ZIZEK, Slavoj. *Bem vindo ao deserto do real: estado de sítio*. Trad. Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____.; DALY, Glyn. *Arriscar o impossível: conversas com Zizek*. Trad. Vera Ribeiro, São Paulo, Martins Fontes, 2006.

“O CORTE”

FICHA TÉCNICA

Título Original: Le Couperet

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 122 minutos

Ano de Lançamento (França / Bélgica / Espanha): 2005

Estúdio: Studio Canal / Canal+ / Eurimages / Wallimage / Les Films du Fleuve / RTBF / K.G. Productions / France 2 Cinéma / SCOPE Invest / Wanda Visión S.A.

Distribuição: Mars Distribution / Pandora Filmes

Direção: Costa-Gavras

Roteiro: Costa-Gavras e Jean-Claude Grumberg, bas. em livro de Donald E. Westlake

Produção: Michèle Ray-Gavras

Música: Armand Amar

Fotografia: Patrick Blossier

Desenho de Produção: Laurent Deroo

Figurino: Laurence Maréchal

Edição: Yannick Kergoat

Efeitos Especiais: L'Etude et la Supervision des Trucages

ELENCO

José GARCIABruno Davert

Karin VIARDMarlène Davert

Geordy MONFILS	Maxime Davert
Christa THERET	Betty Davert
Ulrich TUKUR	Gerard Hutchinson
Olivier GOURMET	Raymond Mâchefer
Yvon BACK	Etienne Barnet
Thierry HANCISSE	Inspetor Kesler
Olga GRUMBERG	Iris Thompson
Dieudonné KABONGO	Quinlan Longus
Serge LARIVIÈRE	Inspetor de polícia